

---

# terra roxa

## e outras terras

Revista de Estudos Literários

---

A HISTÓRIA DA CRÍTICA EM *CRÍTICA E POÉTICA*, DE AFRÂNIO COUTINHO

Ana Luiza Martignoni Spínola (UEL)  
anamspinola@gmail.com

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo abordar os ensaios presentes no livro *Crítica e Poética* (1968), de Afrânio Coutinho (1911-2000), os quais são indispensáveis não apenas para o entendimento da visão de Coutinho sobre a história da crítica literária ocidental, mas também para compreender porque a crítica tomou rumos diversos ao longo do tempo. Além disso, recorre-se à obra do crítico René Wellek (1903-1995), sobretudo a *História da Crítica Moderna* (1967), atentando, por vezes, para a influência de sua teoria no pensamento de Afrânio Coutinho.

PALAVRAS-CHAVE: Afrânio Coutinho; *Crítica e Poética*; René Wellek.

### 1. INTRODUÇÃO

Por reconhecer a contribuição de Afrânio Coutinho (1911-2000) para a crítica literária brasileira, embaso a escrita desse artigo com os pequenos ensaios presentes no livro *Crítica e Poética* (1968), indispensáveis não apenas para o entendimento da visão de Coutinho sobre a história da crítica literária ocidental, mas também para compreender porque a crítica tomou rumos diversos ao longo do tempo.

Além disso, recorro à *História da Crítica Moderna* (1967) de René Wellek, apontando a influência de sua teoria no pensamento de Afrânio Coutinho, como se pode observar nesse seu comentário em “Crítica de mim mesmo”<sup>1</sup> (textos que datam de 1968 a 1983): “Jamais escondi a minha maior afinidade com as teorias do formalismo eslavo, e alguns dos pontos mais salientes de minha doutrinação eram de origem formalista, com o qual me familiarizei ainda em Nova York, através de René Wellek e dos trabalhos, raros então, divulgados no Ocidente”. Ou ainda neste trecho: “Mas decisivos foram o encontro com Roman Jakobson, em seus cursos em Nova York, com Mattoso Câmara e Euryaldo Canabrava, e a leitura dos estudos de René Wellek, ambos egressos da escola de Praga, e exilados nos Estados Unidos”.

<sup>1</sup> Nota Bene: as referências a “Crítica de mim mesmo” foram feitas sem marcação de página ou ano.

Debruçar-se sobre a obra crítica de Afrânio Coutinho é ter como ponto de partida o que Wellek, crítico inicialmente ligado ao Círculo de Praga e radicado posteriormente nos Estados Unidos, comenta na introdução da sua *História da Crítica Moderna*, quando diz: a “crítica, individualmente considerada, será movida por motivos da sua história pessoal: a sua educação, as exigências anteriores, as necessidades dos seus públicos” (1967: 7). Nesse sentido, para observar uma obra crítica é preciso ter essa assertiva de Wellek em mente, considerando as principais influências do pensamento do crítico e o lugar em que ele se encontra. Wellek, nessa mesma introdução, comenta ainda: “A crítica é uma parte da história da cultura em geral e assim se coloca num contexto histórico social. Evidentemente, ela é influenciada pelas mudanças gerais do clima intelectual, pela história das idéias e mesmo pelas filosofias determinadas, se bem que estas não possam ter, elas próprias, inspirado sistema de estética (1967: 7).

Coutinho, provavelmente, a partir do momento que teve a oportunidade de aprimorar seus estudos literários na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, entre os anos de 1942 a 1947, pôde se alimentar dessas “mudanças gerais do clima intelectual”. Sorveu nesse ínterim os recentes estudos feitos acerca da Teoria Literária, tendo, então, contato com as novas tendências críticas as quais tinham como parâmetro principal fatores intrínsecos ao objeto literário.

É por isso que, se comparado aos críticos literários brasileiros de seu tempo, possui critérios bem diversos, tanto é que ficou famoso por seus embates com críticos cujos critérios eram impressionistas e biográficos (Álvaro Lins) ou sociológicos e historicistas (Antonio Candido). De acordo com Sússekind, era uma estratégia de conquista de espaço:

A escolha do alvo (Álvaro Lins) não era evidentemente gratuita. Tratava-se de um dos críticos mais poderosos da época (1940-1950). Atingi-lo era, então, acertar em cheio nos próprios mecanismos de qualificação intelectual vigentes. Era abalar o sistema literário que fizera dele ‘imperador’. E, com isso, se abriria espaço para um outro tipo de critério de avaliação profissional, para uma substituição do jornal pela universidade como ‘templo da cultura literária’ e da figura do crítico enciclopédico e impressionista, com sua habilidade para a crônica, pelo professor universitário, com seu jargão próprio e uma crença inabalável no papel modernizador que poderia exercer no campo dos estudos literários. Tratava-se, em suma, de substituir o rodapé pela cátedra. E conquistar o poder até então em mãos de não-especialistas para as daqueles dotados de ‘aprendizado técnico’, nas palavras de Afrânio. Isto é, para os críticos-professores (1993: 19-20).

Assim, Coutinho, após sua volta ao Brasil, publicou inúmeros artigos no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, no suplemento literário “Correntes Cruzadas”, apontando novas perspectivas para se encarar o fenômeno literário e, conseqüentemente, seu julgamento crítico. Apesar do contato com uma diversidade teórica, o seu retorno para o Brasil e a divulgação de novos procedimentos de análise literária fez que

muitos o apontassem como propagador do *new criticism*, vertente crítica norte-americana. Porém, o próprio Coutinho aponta no texto “Crítica de mim mesmo”: “O que trouxe na minha bagagem, depois de cinco anos de estudos e contatos intelectuais, não foi o *new criticism* apenas, mas toda uma global doutrinação pela renovação da crítica literária, que, no Brasil, estava dominada pelo impressionismo”.

Ele comenta, então, que a renovação da crítica por ele pretendida seria uma “nova crítica” e essa, segundo o autor, vai além do *new criticism*, pois pretende fazer uma crítica o mais globalizante possível, abarcando métodos de origens diversas, tais como o “aristotelismo de Chicago, o formalismo eslavo, a estiologia teuto-suíça e espanhola, a escola inglesa” e, também, o *new criticism*. Assim, falar sobre as influências de Coutinho, abordando-o apenas como um divulgador do *new criticism* parecereducionista, porque seu pensamento crítico tem embasamentos mais amplos.

A crítica literária brasileira na década de 40 estava voltada a critérios, segundo ele, extrínsecos à literatura, ora embasados na vida do autor, ora embasados em teorias sociológicas e direcionamento histórico. É por isso que, na sua incansável luta por uma renovação da crítica literária brasileira, ele propõe uma crítica voltada às análises de elementos intrínsecos à matéria literária.

Se para Coutinho são esses novos pensamentos críticos os ideais para se fazer uma “crítica verdadeira”, o movimento natural foi o de negar a crítica que vinha sendo exercida até então. Distanciava-se, portanto, da crítica que utilizava métodos extraliterários, em detrimento das novas teorias estético-literárias, buscando uma crítica que tomasse a literatura como objeto autônomo, dando à sua crítica “status” de ciência.

Para ele, o tratamento da análise literária deveria ser tomado de modo científico, e é por isso que argumentou que a crítica produzida pela academia possuía um valor acentuado, se comparada com as críticas deterministas e impressionistas publicadas em rodapés de jornais. Nesse sentido, as críticas começaram a ser encaradas com um novo olhar, como registra em “Crítica de mim mesmo”:

Há seriedade, anti-improvisação, preocupação científica, entre os jovens críticos. Embora não se aceite o historicismo, o determinismo, o biografismo, respeita-se a história, a influência do meio, o papel do autor e do público, da língua. Mas o essencial no ato crítico é o estudo da obra, em que pesa a variedade de abordagens. E isso é nova crítica.

O que havia, então, de diferente e renovador nessa concepção de crítica? Se observado o discurso produzido por Coutinho, percebe-se o seu posicionamento que sente a necessidade de lutar contra abordagens sociológicas, deterministas e impressionistas, para focar na matéria literária, isto é, o conteúdo estético, recorrendo às diversas teorias para conquistar uma visão mais ampla e abrangente do objeto em estudo. Para ele, o estético torna-se essencial e “inclui, incorpora o histórico, o social, o político, o religioso, o econômico, porém esses elementos não existem na obra tais como na realidade. O real histórico é diverso do real literário. A verdade histórica é

diferente da verdade estética ou poética. Está acima dela, com ela não se confunde” (“Crítica de mim mesmo”).

A maioria dos escritos sobre Coutinho acabam reduzindo sua teoria à disseminação e à tentativa de aplicação das teorias do *new criticism* no Brasil, a qual, reconhece-se teve influência sobre sua atividade crítica e pedagógica, sobretudo por sua formação estado-unidense na década de 40. Mas, será que é suficiente apenas pensar em Coutinho e suas relações com o *new criticism*, esquecendo-se que buscou fazer uma crítica sob perspectivas antes inauditas dentro da crítica literária brasileira? Coutinho ousou cutucar uma crítica que parecia acomodada, imersa na produção de textos críticos voltados ora para critérios, que por ele são considerados rasos (autobiografismo e impressionismo), ora para critérios embasados em teorias sociológicas e de cunho historicista. Dessa forma, ele consegue perceber que há outras possibilidades, outras tendências teóricas para além do que se fazia até então. E isso, de certa forma, consuma-se em suas produções não apenas como teórico, mas também organizador e diretor de inúmeras obras de referência, chegando ao seu projeto mais ousado com *A Literatura no Brasil* (1955-1959), marcado por uma tentativa de articulação de uma grande história de estilos de época no Brasil:

é baseado nesta separação entre fatores intrínsecos e extrínsecos e na atribuição de autonomia para o literário que projeta os volumes de *A literatura no Brasil*, publicada de 1955 a 1959. Obra coletiva – este, aliás, um dos pontos mais altos: a percepção da importância do trabalho em equipe –, cabiam, em geral, ao seu organizador os capítulos introdutórios a cada período abordado, cuja função seria a de definir suas linhas mestras e, ainda, articular uma história literária cujo desenrolar se pautasse exclusivamente no diálogo entre diferentes quadros estilísticos que se sucedem linearmente no tempo. (Süssekind 1993: 22)

Apesar de ter empreendido uma nova forma de se fazer uma história da literatura, reconhece que nem todos os colaboradores participaram ou compreenderam o sentido das novas metodologias e dos novos conceitos impostos à obra. Mas seu movimento é ainda renovador diante das historiografias literárias brasileiras, pois, segundo Coutinho, para estudar a história literária brasileira, “em vez de um critério político, deve-se adotar uma filosofia estética, compreendendo-a como um valor literário. Para tal, a periodização correspondente é de natureza estilística, isto é, em lugar da divisão em períodos cronológicos ou políticos, a ordenação por estilos” (Coutinho 1999: 132).

É fato, portanto, que as pretensões de Coutinho são renovadoras, mas para entendê-lo como crítico é preciso também entender como observa a história da crítica literária ocidental, e como havíamos dito, isso se esclarecerá no livro *Crítica e Poética*.

## 2. CRÍTICA E POÉTICA: UM LIVRETO ESSENCIAL

O livro *Crítica e Poética* (1968) é composto por cinco ensaios: “Por uma Crítica Estética”, “A Poética: Conceito e Evolução”, “A Crítica”, “Evolução da Crítica Shakespeariana” e “A Crítica Literária no Brasil”. Esses artigos tornam-se essenciais aos estudiosos da literatura, pois, por meio de uma linguagem didática e sucinta, Coutinho apresenta a história da crítica literária, partindo dos filósofos antigos Aristóteles e Platão. O que de pode depreender de mais importante desses ensaios que esclarecem sobre a “evolução” do pensamento crítico literário ocidental são as linhagens de pensamento dicotômicas estabelecidas ao longo da história, advindas da antiguidade clássica greco-romana.

De acordo com Coutinho, de Platão surgiram as críticas de valor didático e moralizante da literatura e, conseqüentemente, de valores extrínsecos ao objeto literário. Desse pensamento, nascem as concepções das poéticas normativas de Horácio e de Longino, e dos retóricos helenísticos e alexandrinos. Da *Arte Poética*, de Horácio, germinam as críticas que privilegiam o *docere cum delectare* (ensinar/educar com prazer/deleite), ou seja, “uma crítica moralizante ou moralista, decorrente de um conceito de literatura, que via a literatura como guia de julgamento moral e difusão da cultura ética.” (Coutinho 1968: 68). A literatura sob esse ponto de vista teve suas manifestações, no Brasil, entre os jesuítas, os quais usavam poesia e teatro como meio de catequizar. O segundo tipo de manifestação dessa corrente proveniente de Horácio é a da literatura como instrumento de propaganda política, a chamada “Littérature engagé”, na França.

O último e o mais difundido tipo de conceito de literatura dessa vertente é a que toma a Literatura como documento histórico ou como documento de uma sociedade (Taine e crítica marxista). Já Longino, a quem se dá autoria do texto *Do Sublime*:

introduziu na compreensão do fenômeno literário a alma do autor como elemento que deveria ser considerado e estudado para compreender-se a Literatura. [...] o que chamamos hoje a interpretação psicológica da Literatura, e veio a ter no século XVII e no século XVIII, sobretudo quando entrou no romantismo, uma fortuna enorme. (Coutinho 1968: 73)

Dessa atitude, surge, sobretudo, a crítica biográfica, para a qual o que importa na análise não é a obra em si, mas toda a vida do autor. O principal expoente dessa vertente é o francês Sainte-Beuve, que exerceu grande influência na crítica brasileira do início do século XX. E, por último, estão ainda dentro do conceito platônico da literatura os retóricos helenísticos e alexandrinos. De acordo com Coutinho, essa crítica tem como foco a língua, o verbo como elemento essencial; dessa forma é voltada para uma análise filológica da obra literária.

De Aristóteles, por outro lado, provêm os valores intrínsecos ao objeto literário, os quais são defendidos por Coutinho. No entanto, essa consciência da crítica para as análises intrínsecas demorou muito tempo a ser estabelecida, principalmente porque

os textos de Aristóteles e de Horácio eram lidos de modo muito aproximado, deturpando de certa forma as teorias aristotélicas: “o Renascimento foi mais latino do que helênico [...] obras gregas, como a *Poética*, passaram para o mundo ocidental através do veículo romano, no caso o retoricismo horaciano, ao que se deve a deturpação das teorias aristotélicas [...] Houve uma sorte de fusão de Aristóteles e Horácio durante o Renascimento” (Coutinho 1968: 20-21). Essa fusão também é apontada por Wellek:

O neoclassicismo é uma fusão de Aristóteles com Horácio, uma reafirmação dos seus princípios e opiniões, a qual sofreu alterações relativamente pequenas durante quase três séculos. Este fato por si afirma algo que muitos historiadores da literatura relutam em reconhecer: a grande diferença entre teoria e prática ao longo da história da literatura, (Wellek 1967: 5)

Apenas quando houve uma dissociação entre as teorias de Aristóteles com as de Horácio, a *Poética* aristotélica começou a ser vista como uma obra próxima às doutrinas estéticas da literatura. Coutinho, então, diz que as correntes em voga nos países anglo-saxões e eslavos, isto é, as correntes estruturalistas e formalistas são fruto dessa concepção aristotélica da literatura.

Da concepção aristotélica da literatura, segundo Coutinho, a crítica pretenderá libertar-se:

1. da biografia;
2. da autobiografia, sob a roupagem de impressionismo
3. da psicologia, em que se resumem todos os estudos da personalidade do autor;
4. da sociologia, pois não passam de sociologia os estudos sobre meio social e econômico do autor;
5. da filologia e ciência da linguagem, em uma palavra, da história, pois são antes “históricos” os estudos dos fatores exteriores à obra de arte, históricos ou políticos. (Coutinho 1968: 24)

### 3. A CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

Coutinho estabelece como parâmetro, no Brasil, a década de 1950 como o momento de tomada de consciência da crítica, pois, segundo ele, é a partir dessa ocasião que ela deixa de ser considerada um gênero literário para tomar caráter de atividade reflexiva, próxima à filosofia e à ciência.

No entanto, se o quadro que se estabelece na história da crítica literária ocidental foi o apresentado por Coutinho em *Crítica e Poética*, era natural que esses campos da crítica se frutificassem no Brasil. Com base no texto “A Crítica Literária no Brasil”, resumirei como essas críticas de um modo ou de outro estabelecem relações com a história da crítica.

Como foi dito anteriormente, o pensamento platônico da literatura e que deu origem à *Arte Poética*, de Horácio, irá influenciar a crítica literária brasileira. Nas fases iniciais da literatura brasileira, mais precisamente, no Barroco e Neoclassicismo, tanto a crítica quanto a literatura têm como base o dogmatismo horaciano. A literatura servia como meio de catequização, divulgando a religião católica e seus preceitos. Com o Romantismo, essa tradição se rompe e começa haver uma busca pela nacionalidade literária. Coutinho aponta que “[a] literatura não deveria realizar-se pelos modelos absolutos das formas tradicionais. Deveria condicionar-se ao meio onde se produzia, recolhendo os usos e costumes, as tradições populares, as peculiaridades idiomáticas, os temas e tipos que constituem a cultura do povo” (1968: 122).

Desse novo direcionamento, resultou o “Instinto de nacionalidade” (1873), de Machado de Assis, texto que, de acordo com Coutinho, tornou-se um “manifesto da independência literária, claro que, inicialmente, dirigido contra o domínio luso” (1968: 123). A tentativa de compreender a literatura brasileira e de buscar as raízes da cultura da sociedade brasileira, remontando o passado, são nitidamente características do período romântico, e desse espírito que se volta para a história faz que se redirecionem os estudos literários para essa ordem. Começa, então, a onda historicista brasileira da crítica, iniciada por Francisco A. Varnhagen (1816-1878). Coutinho atenta para o fato, dizendo: “Desde então, os estudos críticos e de história literária no Brasil se realizariam, segundo uma grande família de críticos brasileiros, como uma dependência da história geral, política e social, utilizando o método histórico, e concebida a literatura como um reflexo das atividades humanas gerais, um fenômeno histórico” (1968: 123-124).

Nas épocas Realista e Naturalista, são as teorias de Comte, Taine, Buckle, Haeckel, Darwin e Spencer que influenciam não apenas a literatura, mas também a crítica literária. E o aparato teórico advindo de outras ciências para embasar a análise do objeto literário formou a tradição de uma crítica sociológica no Brasil:

O fato é que a tradição dos estudos literários que representa a monumental obra de Silvio Romero, a *História da literatura brasileira* (1988), baseada na interpretação sociológica [...] é, ainda hoje, grande o número de críticos a ela filiados.” – Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, diversos críticos de orientação marxista (Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré).

[...] e Antonio Candido (1918), sobretudo na sua obra *Formação da literatura brasileira* (1959), com idêntica tendência ao enquadramento histórico-social como critério crítico. (Coutinho 1968: 127)

Além dessas vertentes, Coutinho vai apontar, ainda, as que derivaram da crítica biográfica de Sainte-Beuve, e mais remotamente, de Longino. Para o crítico essa é a vertente mais popular e a mais divulgada no Brasil. Comenta também sobre os que tomam a obra por meio do plano verbal e gramatical, veio crítico difundido no Brasil por aqueles que ficaram conhecidos como os críticos gramaticais. É importante ressaltar a sua abordagem da crítica literária produzida nos jornais:

Assim, praticada na imprensa diária, a crítica não podia deixar de sofrer a influência do espírito ligeiro e superficial do jornalismo, o que lhe comunicou um caráter circunstancial, aproximando-a do tipo ‘review’ dos ingleses e norte-americanos. [...] consiste em fornecer uma ‘impressão’ acerca da obra do momento. Daí seja comumente conhecida como ‘impressionismo’, ainda que não consiga atingir o nível do verdadeiro impressionismo de Anatole France, Jules Lemaître, Walter Pater. (Coutinho 1968: 131)

Ele aproveita da oportunidade, dessa forma, para criticar esse tipo de análise literária, apontando a sua superficialidade com trato do objeto literário.

Por fim, comenta sobre as reações contra a doutrina de Silvio Romero e o impressionismo crítico, que, segundo ele, começaram a ser desencadeadas já com os simbolistas. Cita como críticos que de certa forma defenderam os valores estéticos: Nestor Victor, Henrique Abílio, Andrade Muricy, Tasso da Silveira, Barreto Filho, Mário de Andrade e Tristão de Ataíde. No entanto, aponta que essa reação foi seu próprio objetivo ao voltar dos Estados Unidos, mostrando as ideias fundamentais que regem esse pensamento:

1. Necessidade de criação de uma consciência crítica para a literatura brasileira [...];
2. Valorização do estudo superior e sistemático de letras nas Faculdades de Filosofia [...];
3. Reconsideração dos problemas técnicos da poesia, ficção e drama, graças ao mesmo estudo superior, e, ao mesmo tempo, criação do espírito profissional e de especialização na crítica;
4. Defesa da perspectiva e abordagem estético-literária na apresentação crítica, contra o predomínio do método histórico [...];
5. Valorização da concepção estética da crítica, para a qual o que importa, sobretudo, é a obra, o texto e na análise do texto [...];
6. Estabelecimento de critérios críticos de cunho objetivo, ‘científicos’, isto é, critérios que absorvam cada vez mais o espírito científico, introduzindo em seus domínios as revoluções metodológica e científica que logram outras disciplinas [...]. Mas sem recorrer aos métodos das várias ciências, e sim procurando absorver métodos peculiares ao objeto de estudo da crítica literária [...];
7. Relegação para segundo plano da preocupação biográfica em crítica; o mesmo em relação aos fatores ambientais, históricos, sociológicos, econômicos, supervalorativos pelo determinismo naturalista;
8. Revisão dos conceitos historiográficos, à luz desses princípios, com a criação de nova teoria historiográfica para a literatura [...] periodização de natureza estética e pelos estilos individuais e de época. (Coutinho 1968: 138-139-140)

#### 4. CONCLUSÃO

Antes de ser crítico literário, pode-se de certa forma considerar Coutinho como um grande pensador da crítica literária brasileira, que se movimentou no sentido de dar novos parâmetros aos estudiosos que estavam acostumados a analisar obras guiados por valores extrínsecos, distanciando-os do objeto literário. Além disso, talvez, seu maior legado tenha sido o de oferecer uma nova lente para os estudiosos da literatura, pois Coutinho queria não apenas renovar a crítica literária brasileira, mas também propor um entendimento geral da crítica e como ela foi estabelecida por diferentes critérios ao longo do tempo.

Como se viu, a crítica literária possui fundamentos que devem ser compreendidos dentro de um contexto histórico, social e filosófico e, como foi apontado por Wellek, a crítica “é influenciada pelas mudanças gerais do clima intelectual, pela história das ideias e mesmo pelas filosofias determinadas, se bem que estas não possam ter, elas próprias, inspirado sistema de estética” (1967: 7). Tomada essa consciência logo que se iniciam os estudos acerca da teoria e crítica literárias, as leituras sobre e de textos literários tornar-se-ão mais claros, fugindo de um reducionismo do “gostei” ou do “não gostei”.

Hoje, os cursos de Letras das universidades brasileiras devem esse crédito a Coutinho, pois é também por influência dele que os estudos literários e, conseqüentemente, os departamentos de literatura começam a tomar relevância nesses espaços. Por mais que nessa obra (*Crítica e Poética*) de Coutinho tivesse a intenção de mostrar, mesmo que de modo reduzido, os caminhos percorridos pela crítica literária ocidental e brasileira, é importante perceber que ele defende sempre a crítica na qual acredita, isto é, a da vertente aristotélica e a que se importa com o estético.

Não se pode, portanto, negar que de suas influências efetivas dentro do cenário crítico brasileiro, mas ainda há muito que ser compreendido e mapeado, principalmente quanto à sua convicção de que as universidades teriam papel importante de transformação para a crítica literária brasileira.

#### OBRAS CITADAS

COUTINHO, Afrânio. 1968. *Crítica e poética*. Rio de Janeiro: Acadêmica.

———. “Crítica de mim mesmo”. Disponível no site: <http://www.pacc.ufrj.br/literaria/mimmesmo.html>. Acesso em: 13/02/2011.

SÜSSEKIND, Flora. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

WELLEK, René. 1967. *História da crítica moderna*. 2 vols. São Paulo: EDUSP, 1967.

A CRITICAL HISTORY IN *CRÍTICA E POÉTICA*, BY AFRÂNIO COUTINHO

**ABSTRACT:** This article aims to address the essays present in Afrânio Coutinho's *Crítica e Poética* (1968), which we consider indispensable to perceive Coutinho's vision on the history of western literary criticism, and also to understand why criticism in Brazil has taken several directions over time. In addition, we use the work of the critic René Wellek (1903-1995), especially the book *A História da Crítica Moderna*, paying attention, sometimes, to the influence of his theory in the thought of Afrânio Coutinho.  
**KEYWORDS:** Afrânio Coutinho; *Crítica e Poética*; René Wellek.

Recebido em 30 de setembro de 2011; aprovado em 30 de dezembro de 2011.